

Apresentação

O cinema implica uma subversão total dos valores, uma desorganização completa da visão, da perspectiva, da lógica. É mais excitante que o fósforo, mais cativante que o amor.

(Antonin Artaud)

Desde tempos remotos, a humanidade buscou eternizar um momento, parar provisoriamente o tempo, congelar o instante de um dado fato alocado no interior de um espaço. As pinturas rupestres nas cavernas, as telas, os afrescos, os vitrais, e, com o correr dos tempos, a fotografia e, na sequência, o cinema, exemplificam na prática esse desejo humano. Das pinturas rupestres ao cinema a intenção é a de capturar um quadro, um acontecimento e a forma como se deu. Em outras palavras, uma narrativa. Mas vale lembrar que o cinema, num primeiro momento, estava mais preocupado em apresentar a própria máquina cinematográfica, exibir a novidade que contar propriamente uma história (COSTA, 2007). O cinema disponibiliza para o espectador uma narrativa, dá a conhecer uma história e, por conseguinte, o lugar dela. Assim, ele avizinha-se à literatura; esta, mais precisamente os textos narrativos, oferece uma história estruturada em sequências – linear ou não – arquitetado com palavras; aquele, com o mesmo caráter, compõe-se de imagens e som. Ainda que ambos, cinema e literatura, não tenham nenhum compromisso

com a realidade, representam elementos do mundo – onírico e/ou empírico –, dos seres, das coisas, e constituem-se em patrimônio da humanidade, contêm a cultura, a idiossincrasia, a “história” das civilizações ao redor do mundo. Tornam-se uma espécie de arquivo que fica à disposição para, cf. dito anteriormente, a eternização da humanidade e de suas tramas.

Essa aproximação entre cinema e literatura não diz respeito apenas à função, mas também à poética, isto é, a maneira como essas linguagens são estruturadas. Desde as primeiras projeções cinematográficas – o trem na estação e a saída dos operários da fábrica – ao cinema atual, houve uma série de avanços tecnológicos, ademais da própria crítica que se especializou. Das primeiras manifestações literárias (ainda não tinham o nome de literatura) ao romance experimental, por exemplo, houve um sem número de transformações. Queremos pensar na aproximação estética entre essas duas manifestações artísticas, onde um se vale da outra e vice versa para se estruturar. Para Rogério Luz (2007), o cinema é um instrumento poderoso de contar histórias basicamente inventadas, ou seja, tem a função de narrar um evento de maneira cifrada, em sucessão, admitindo o corte ou a suspensão do fato narrado. Tais características remetem-se à literatura de folhetim do século XIX. Além do folhetim, o romance oitocentista também possui uma característica narratológica bastante semelhante a da fílmica: apresenta um enredo e personagens em torno dele, onde o narrador vai inteirando o leitor das tramas que conformam a narrativa como um todo. O cinema que é contemporâneo à literatura apropria-se dela e ambos, de diferentes modos, informam ao espectador/leitor uma história. A poética do cinema é de uma arte em processo, inacabada, está sempre se reestruturando, se re-criando; é uma arte do devir, da porosidade, da eclosão. Hodiernamente, quem consegue levar a termo uma definição do que seria romance?. Aqui, romance e cinema estão em pleno processo de reestruturação e reelaboração. Na esteira desse pensamento, não seria arriscado di-

zer que as mudanças sociais, culturais, idiossincráticas, econômicas, incitam as transformações das coisas das artes.

A partir das convergências entre cinema e literatura seria apropriado afirmar sobre uma possível substituição da narrativa literária pela fílmica? Não entendemos assim. Antes, pensamos que para a (in) formação integral do cidadão ele deverá ter acesso a diferentes experiências/possibilidades estéticas. Para Abílio Cardoso (1995/1996), o filme não deve ser transformado num substituto menor ou coadjuvante em relação à literatura, mas conferir à narrativa fílmica um espaço de destaque tal qual o reservado para os estudos literários.

É, pois, pelo labirinto dessas necessárias experiências estéticas, que caminhos na proposta de termos como primeiro dossiê da *Rascunhos Culturais* a temática “Literatura e Cinema”. A partir desse 11º número a Revista passa a incorporar uma nova configuração: o dossiê temático e a sessão de artigos livres.

Aos nossos colaboradores, nossos mais sinceros agradecimentos!

Flávio Adriano Nantes Nunes

Geovana Quinalha de Oliveira

CARDOSO, Abílio Hernandez. “A letra e a imagem: o ensino da literatura e o cinema”. In: **Revista Discurso**: estudos de língua e cultura portuguesa, n. 11/12. Out./Fev. 1995/1996. Coimbra: Universidade Aberta.

COSTA, Flávia Cesarino. “O primeiro cinema: algumas considerações”. In: BENTES, Ivana (org.). **Ecos do cinema**: de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007, p. 15-27.

LUZ, Rogério. “A construção da Narrativa”. In: BENTES, Ivana (org.). **Ecos do cinema**: de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007, p. 29-40.